

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#23 (tomo 2) Jul. 2020

FARISEU, 20 ANOS DEPOIS

**novidades da
arte paleolítica
do Côa**

**Um Homem do
Paleolítico Entra num Bar:
anacronismo e atualidade na
personagem do *Bartoon***

**A Era da Energia a Vapor
em Portugal: o caso agrícola**

**Desmistificando um Mito:
a Capela de Nossa Senhora
Mãe de Deus e dos Homens**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública Sem Fins Lucrativos

Organização Não-Governamental de Ambiente

[travessa luís teotónio pereira, cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[http://www.caa.org.pt]

[http://www.facebook.com]

**uma Associação
em que dá gosto
participar!**

1972 - 2020

48 anos de intervenção social,
a promover uma visão integrada
da Arqueologia, do Património Cultural e
Ambiental e da História local e regional,
no exercício partilhado de uma cidadania
cultural e cientificamente
informada

peça já a sua ficha de inscrição

arque^ohoje
finding our future...

ARQUEOLOGIA
CONSERVAÇÃO E RESTAURO
MUSEUS E CENTROS INTERPRETATIVOS
MANUTENÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
ROTAS CULTURAIS & PEDESTRES
GESTÃO CULTURAL
PUBLICAÇÕES

ARQUEOHOJE, CONSERVAÇÃO E RESTAURO DO PATRIMÓNIO MONUMENTAL, LDA.
Rua da Escola, Lote 9, Loja 2 - Santa Eulália - Repeses - 3500-682 VISEU - Office: 232 416 030
Rua do Triângulo Vermelho, nº 2, 1170-375 LISBOA

www.arqueohoje.com



Capa | Jorge Raposo

Imagem dos trabalhos arqueológicos realizados no sítio do Fariseu, em Fevereiro de 2020, que revelaram um painel gravado com mais de seis metros de dimensão, sobreposto por uma sequência de depósitos do Paleolítico Superior. Trata-se da mais recente novidade da arte paleolítica do vale do Côa (Património Mundial da UNESCO).

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 23, tomo 2, Julho 2020

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://issuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje -
- Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª /
/ Câmara Municipal de Oeiras /
/ Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo

(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço, com a colaboração de Vanessa Dias, José Carlos Henrique e Sónia Tchissolle Silva

Colaboram neste número | Mila Simões de Abreu, Jaime Almansa Sánchez,

Maria José Almeida, Alexandra Aguiar Alves, José C. Henrique António, Thierry Aubry, Fernando Barbosa, Carlos Boavida, Guilherme Cardoso, Jorge Custódio, Mariana Diniz, José d'Encarnação, Lídia Fernandes, Francisco Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, Tiago Inácio, Luís Luís, Isabel de Luna, João Marques, Teresa Marques, Andrea Martins, Luís Filipe Pereira, Franklin Pereira, Miguel

Portela, Jorge Raposo, Raquel Caçote Raposo, Eduardo Gonzalez Rocha, André T. Santos, Pedro Silva Sena, Marcelo Silvestre, Fábio Soares e Vítor Manuel Silva.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Nos últimos meses, a crise pandémica gerada pela COVID-19 concentra, compreensivelmente, as nossas preocupações individuais e colectivas. Até à data em que escrevo, um vírus altamente contagioso infectou rapidamente quase 15 milhões de pessoas em todo o mundo, causou um número de mortes superior a 600 mil e continua em crescimento acelerado, tanto nos países com maiores dificuldades económicas e sociais, como naqueles onde são desvalorizadas as medidas de contenção apropriadas. Em Portugal, a dramática contabilidade regista perto de 49 mil infectados, mais de dois terços dos quais felizmente já recuperados. Mas várias centenas necessitaram de internamento hospitalar, parte deles em unidades de cuidados intensivos, com sofrimento e sequelas assinaláveis. O trágico balanço aproxima-se já das 1700 mortes. Esta situação obrigou a alterações, por vezes drásticas, nos comportamentos individuais e de grupo, ao nível do relacionamento social e das condições de vida e de trabalho. Só o distanciamento e a redução dos contactos físicos minimizaram com eficácia o insidioso contágio. A suspensão ou redução temporária de múltiplas actividades gerou uma crise cuja dimensão, profundidade e durabilidade ainda não estamos em condições de avaliar, mas teve e terá graves implicações na vida de muita gente, nomeadamente na ligada à Cultura e ao Turismo, por exemplo. Forçou ainda a transformação ou reinvenção social, privilegiando as tecnologias e os recursos digitais para situações que, até aí, obrigavam a trabalho presencial ou ao uso de materialidades diversas.

A produção e disponibilização de conteúdos nas várias plataformas disponíveis na Internet aumentou substancialmente, naquela que é das poucas consequências positivas de um péssimo contexto. Sem se substituírem às inegáveis potencialidades e virtuosidades de outros suportes, os conteúdos digitais mitigaram os efeitos do distanciamento e da perda de mobilidade, surpreendendo, por vezes, pela pertinência, qualidade e criatividade. Como seria de esperar, a produção editorial da *Al-Madan Online* manteve-se e a sua procura acompanhou esse movimento. A revista atraiu mais de 5100 leitores de quase todo o mundo nos primeiros seis meses de 2020, o que traduz o valor semestral mais elevado de sempre. O segundo semestre abre agora com um novo tomo, que leva até esses e outros leitores a produção intelectual de um vasto conjunto de autores, em crónicas, artigos de divulgação arqueológica e patrimonial, estudos e noticiário diverso.

Permitam-me que destaque o espaço dedicado à arte paleolítica do vale do Côa, património nacional e da Humanidade, quer com o primeiro artigo de fundo sobre os recentes achados de novas gravuras associadas a contextos arqueológicos de estratigrafia bem definida, quer com um balanço do papel desempenhado pelo simpático e sempre perspicaz “Homem do Paleolítico”, na série *Bartoon* e noutras criações do cartoonista Luís Afonso. São apenas exemplos da diversidade evidenciada pelo índice, certamente traduzível em bons momentos de leitura, com prazer e saúde. Votos de que assim seja!

Jorge Raposo, 21 de Julho de 2020

EDITORIAL...3 ►

CRÓNICAS

Comércio e Falsificação
de Objectos Arqueológicos |
José d'Encarnação...6 ►

A Tenda Vermelha do Califa |
Pedro Silva Sena...9 ►

ARQUEOLOGIA



Fariseu, 20 Anos Depois:
novidades da arte paleolítica do Côa |
Thierry Aubry, Fernando Barbosa,
Luís Luís, André T. Santos e
Marcelo Silvestre...15 ►

A Mamoa de Aspra
(Caminha, Viana do
Castelo): uma mudança no
paradigma? | Fábio Soares
e Vítor Silva...28 ►



Análise Preliminar dos Contextos e
Práticas Funerárias da Idade Média em
Monção (Viana do Castelo, Norte de
Portugal) | Vítor Manuel Fontes
Silva...39 ►

Intervenção Arqueológica na
“Porta da Conceição”, Alenquer:
primeiros resultados |
Raquel Caçote
Raposo...48 ►



ESTUDOS



Um Homem do
Paleolítico Entra num
Bar... anacronismo e
atualidade na personagem
do *Bartoon* durante a

luta pela preservação da arte do Côa e a sua
sobrevivência | Luís Luís...65 ►

A Atividade Artística
dos Mestres Pedreiros
António Jorge e Manuel
Jorge (1583-1601) |
Miguel Portela...84 ►



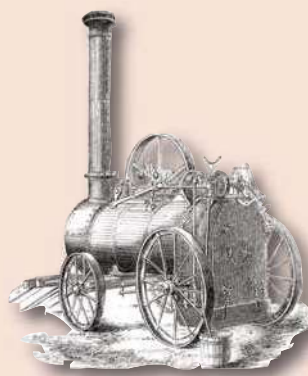
Uma Sondagem Arqueológica de
Emergência no Paço do Patim,
Torres Vedras | Guilherme
Cardoso e Isabel de
Luna...57 ►



PATRIMÓNIO



Artes do Couro
no Medievo Peninsular.
Parte 4: as “*sillas de caderas*”
de Granada | Franklin
Pereira...92 ►



A Era da Energia
a Vapor em Portugal:
o caso agrícola | Jorge
Custódio...107 ►

Da Fábrica
de Garrafas de
Martingança à
Iberonorma: um
caso de adaptação,
preservação e
salvaguarda de património industrial
em Portugal | Tiago Inácio...129 ►



Tabuleiros de Jogo
Gravados em Pedra em
Campanhó (Mondim de
Basto, Norte de Portugal) |
Luís Filipe Pereira e
Alexandra Aguiar
Alves...139 ►



HISTÓRIA LOCAL



Desmistificando um Mito:
a Capela de Nossa Senhora
Mãe de Deus e dos Homens
(Pragal, Almada) | José
Carlos Henrique
António...153 ►

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Fake News e o Alfabeto do Alvão:
uma mentira dita mil vezes não se torna verdade |
Mila Simões de Abreu...175 ►

Atividades da ARQA no Âmbito de uma
Nova Dinâmica Associativa | Eduardo
Gonzalez Rocha...179 ►

LIVROS & REVISTAS

A Revista *Scaena* do Museu de Lisboa - Teatro Romano |
Lídia Fernandes...181 ►

Novidades editoriais...184 ►

A Capela Privada da Casa Nobre
do Morgado de Gouvinhas, em
Gouvinhas, Sabrosa | Gerardo
Vidal Gonçalves...160 ►



EVENTOS

Encontro Internacional *A Península Ibérica
Entre os Séculos V e X: continuidade, transição
e mudança* | João Marques, Teresa Marques
e Carlos Boavida...186 ►

TAG (*Theoretical Archaeology Group*) Ibérico 2020 - Lisboa |
Mariana Diniz, Andrea Martins, Francisco Gomes
e Jaime Almansa Sánchez...188 ►

O Nome das Coisas: mesa-redonda no TAG Ibérico 2020 |
Maria José Almeida e Jorge Raposo...190 ►

Agenda de eventos...191 ►

Da Fábrica de Garrafas de Martingança à Iberonorma

um caso de adaptação, preservação e salvaguarda de património industrial em Portugal

Tiago Inácio ¹

1. A FÁBRICA DE GARRAFAS DA MARTINGANÇA

A fábrica de garrafas da Martingança encontra-se estritamente ligada à Companhia de Cervejas Estrela e à Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas. É curioso verificar que, apesar dos poucos anos em que a Companhia de Cervejas Estrela participou no capital social da fábrica, o imóvel industrial ficaria para sempre conhecido como “Fábrica da Estrela”.

1.1. FUNDAÇÃO

Entre 1916 e 1920, foram fundadas cinco fábricas na Marinha Grande destinadas ao fabrico de garrafaria (MARQUES, 2009: 167). Todavia, a sua qualidade manteve-se aquém das expectativas, apresentando quebras consideráveis devido, provavelmente, ao deficiente recozimento das garrafas. Por volta de 1920, a sociedade Vidago & Pedras Salgadas ¹, que se dedicava, em parte, ao engarrafamento de águas minerais, apresentava quebras de 18 % nas garrafas adquiridas às vidreiras marinhenses (HENRIQUES, 1992: 563). Desta forma, a Vidago associou-se com a Companhia de Cervejas Estrela, constituída em 1920 (SILVA, 2012), na fundação de uma fábrica especializada na produção de garrafaria. Tudo indica que a fábrica deverá ter sido idealizada e planeada pela Companhia de Cervejas Estrela.

¹ Em março de 1923, ocorreu a fusão entre a companhia das Águas de Melgaço e a Vidago & Pedras Salgadas, formando-se a Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas (HENRIQUES, 1992: 566).

A Iberonorma - Estruturas e acessórios para moldes, Lda, é um bom caso de estudo no âmbito do Património industrial português. Empresa dedicada ao fabrico de moldes, ocupou em 1978 as instalações da antiga Fábrica de Garrafas da Martingança (Alcobaca), fundada em 1923 e ativa até 1952.

O autor considera que a adaptação constitui um dos melhores exemplos portugueses de preservação de um imóvel industrial, por manter e recuperar o essencial da arquitetura e das infraestruturas originais.

PALAVRAS CHAVE: Arqueologia industrial; Arquitectura; Património; História; Indústria; Vidro.

ABSTRACT

Iberonorma - Structures et accessoires pour moules, Lda is a good case study of Portuguese Industrial Heritage. Dedicated to the manufacture of moulds, in 1978 the company occupied the facilities of the old Bottles Factory of Martingança (Alcobaca), which had been founded in 1923 and had been active until 1952.

The author believes that this adaptation is one of the best examples of preservation of an industrial building in Portugal, as it maintains and recovers the essential character of the original architecture and infrastructures.

KEY WORDS: Industrial Archaeology; Architecture; Heritage; History; Industry; Glass.

RÉSUMÉ

Iberonorma – Structures et accessoires pour moules, Lé est un bon cas d'étude dans le cadre du Patrimoine industriel portugais. Entreprise destinée à la fabrication de moules, elle a occupé en 1978 les installations de l'ancienne usine de Bouteilles de Martingança (Alcobaca), fondée en 1923 et active jusqu'en 1952.

L'auteur considère que l'adaptation constitue l'un des meilleurs exemples portugais de préservation d'un bâtiment industriel en conservant et en réhabilitant l'essentiel de l'architecture et des infrastructures originales.

MOTS CLÉS: Archéologie industrielle; Architecture; Patrimoine; Histoire; Industrie; Verre.

¹ Investigador da União de Freguesias de Pataias e Martingança, Licenciado em História pela Universidade Aberta e Mestrando em Estudos do Património na mesma Universidade (inaciotiago@hotmail.com).

O tema deste artigo foi apresentado no III Encontro Indústria, História, Património, que decorreu de 16 a 18 de janeiro de 2020 em S. João da Madeira.

O texto agora publicado justifica um especial agradecimento à União das Freguesias de Pataias e Martingança e à Iberonorma, empresa do grupo Ibermoldes, pelo apoio prestado à sua realização.

Por opção do autor, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.



FIG. 1 – Iberonorma atualmente, arquivo Iberonorma.

A Martingança, situada no extremo norte do Concelho de Alcobaça, foi a localidade escolhida para a construção desta nova fábrica de vidro. Por esta data, a Martingança oferecia uma série de condições propícias ao desenvolvimento desta indústria:

- A proximidade geográfica com a Marinha Grande (6 km), o grande centro vidreiro do país, que fornecia operários especializados (vidreiros);
- A proximidade da estação ferroviária da Martingança (100 metros a sul da fábrica), que permitia receber matéria-prima e escoar a produção;
- A proximidade com o caminho-de-ferro mineiro do Lena, que entroncava na estação da Martingança e permitia receber carvão das minas da Batalha, utilizado como combustível nos gasogénios;
- A localização geográfica, situada entre Lisboa (sede da Companhia de Cervejas Estrela) e o Porto (sede da Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas).

A 7 de dezembro de 1920, a Companhia de Cervejas Estrela adquire as três primeiras propriedades próximas da estação ferroviária da Martingança, numa zona denominada como “Lagoa da Gafa” (PINTO, [1920]: fl. 46v a 50v). As obras de construção iniciaram-se logo em janeiro do ano seguinte. Em abril de 1922 era noticiado que “*continuam com a maior actividade os trabalhos para a conclusão da importante fábrica de garrafas da Companhia de Cervejas Estrela*” (SANTOS, 1922: 2).

Apesar da construção decorrer desde 1921, a sociedade apenas foi oficializada a 17 de janeiro de 1923, adotando a designação de “Fábrica de Garrafas da Martingança, Lda”, com o capital de 400 contos, 200 contos de cada uma das associadas, e com o objetivo de fabricar garrafaria em vidro, dividindo a produção. A escritura refere ainda que “*conta-se o seu começo, para todos os efeitos, desde o dia um de Janeiro de mil novecentos e vinte e um*” (GALVÃO, [1923]: fls. 27f. a 32v.). De acordo com a cópia da ata anexa à escritura, apenas se tratava de dar forma jurídica à sociedade, uma vez que “*os bens haviam já sido adquiridos com dinheiro pertencente às duas sociedades em partes iguais*” (JUNIOR, [1923]: fls. 25f. a 37v.). Desta forma, confirma-se que a Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas participou na construção da fábrica antes da fundação da Sociedade.

Todavia, em julho de 1924, a Companhia de Cervejas Estrela, “*perante as gravíssimas dificuldades da época presente e ignorando o que estava para suceder n’um futuro próximo*” (VIANNA, [1924]: fls. 1302f. a 1304v.), cede 199 contos da sua quota à Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas e os restantes 1000 escudos a Boaventura Mendes de Almeida (GALVÃO, [1924]: fls. 29v. a 33v.). Desta forma, 99,75 % do capital social da fábrica era da Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas. Importa referir que Boaventura Mendes de Almeida era genro de Ber-

nardo Homem Machado (Conde de Caria), um dos principais associados da Vidago.

Em maio do ano seguinte, foi publicado o Edital na imprensa regional para a concessão do Alvará (SILVA, [1925]) que apenas seria concedido a 30 de outubro de 1926 (CARDOSO, [1955b]: fl. 35f.).

1.2. PERÍODO DE SUSPENSÃO E A NOVA SOCIEDADE (1925-1943)

Apesar da Vidago dispor de instalações fabris, alvará, maquinaria e matérias-primas, a fábrica não laborou até 1944. Os escassos movimentos financeiros explícitos no *DIÁRIO RAZÃO...* (1925-1945) da Sociedade, demonstram claramente que, apesar de constituída, não laborou. Uma carta datada de julho de 1927, da Empresa Vidreira de Pataias, Lda para a Guilherme Pereira Roldão, Lda, refere que *“A fábrica da Martingança pode não ter grande valor industrial [...]. Mas... não esqueça que trez grandes consumidores podem pô-la a trabalhar, ainda que percam 200 ou 300 contos numa campanha”* (NUNES, 2006: 243). Desta forma, é possível afirmar que o motivo pela qual fábrica não laborou foi precisamente por incapacidade por parte da Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, em gerir, sozinha, a fábrica de garrafas.

Em 1930, a fábrica de garrafas da Martingança vendeu os seus stocks de matérias-primas para a fabricação de vidro à Empresa Vidreira de Pataias, nomeadamente carvão, areia basáltica e sulfato de soda (MARTINGANÇA, 1930).

No ano seguinte, foi criada a União Revendedora de Garrafas, que agrupava as produtoras de garrafaria num cartel. A União, sucessora de uma convenção assinada em 1926 e retificada em 1928, acordou a partilha do mercado garrafeiro entre as firmas associadas, contribuindo, desta forma, para a estabilidade na produção e dos preços (MARQUES, 2009: 180).

Entretanto, em 1931, o Estado impôs medidas de protecionismo à indústria Nacional (lei do condicionamento industrial), controlando este setor, nomeadamente *“a instalação de novos estabelecimentos industriais ou a reabertura dos que tiverem paralisado a sua laboração durante períodos superiores a dois anos [...]”* (DIÁRIO DO GOVERNO, 1931: 311). Desta forma, em 1934, algumas empresas do mercado de bebidas pediram autorização à Direção-Geral da Indústria para colocar em laboração a Fábrica da Martingança, alegando que, com a constituição do

cartel, os preços das garrafas subiram excessivamente. O pedido seria, no entanto, negado (CONFRARIA, 1992: 110-111). Assim, a fábrica passou por um longo período de esquecimento até 1943.

1.3. O IMPULSO DA 2.^a GUERRA MUNDIAL E OS PRIMEIROS ANOS DE LABORAÇÃO

A 2.^a Grande Guerra proporcionou uma procura garrafeira sem precedentes. A produção nacional praticamente duplicou entre 1937 e 1942. As garrafas destinam-se principalmente ao mercado norte-americano (MARQUES, 2009: 180). Desta forma, a Fábrica de Garrafas da Martingança requer à Direção-Geral da Indústria, em agosto-setembro de 1943, autorização para colocar a fábrica em laboração (*BOLETIM...*, 1943: 313, de 8 de set.). O pedido foi autorizado em outubro do mesmo ano (MARQUES, 2009: 181) e, dois meses, depois foi autorizada a instalação de três gasogénios para o consumo de lenha, em substituição do gasogénio existente alimentado a carvão (*BOLETIM...*, 1944: 330, de 5 de jan.).

A 17 de fevereiro de 1944, o capital social foi elevado de 400 para 1800 contos e foi constituída uma nova sociedade, constituída pela Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas, com uma quota de 899 contos, a Companhia das Águas Salus, com uma quota de um conto (1000 escudos), a Sociedade Produtora de Vidraça Prensada, com uma quota de 450 contos, e Alípio das Neves Morais Matias, com uma quota igual (CARVALHO, [1994]: fls. 84f. a 92v.). Importa referir que a Companhia das Águas Salus foi adquirida pelo grupo Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas em 1933 (HENRIQUES, 1992: 567).

Em janeiro e abril, a fábrica foi autorizada a substituir as quatro máquinas semiautomáticas duplas existentes, do tipo Simpson, por 13 máquinas semiautomáticas do tipo Shiller (*BOLETIM...*, 1944: 336 e 345, de 16 de fev. e 16 de abr.), tornando-se na fábrica com o maior número de maquinaria semiautomática e na maior produtora de garrafaria dos anos 1940. A primeira campanha de produção iniciou em 10 de maio de 1944. A fábrica contava com um forno a tanque do tipo Siemens, 13 máquinas semiautomáticas, seis arcas à Portuguesa e duas arcas à Francesa (MOLEIRO, 2020). A 2.^a campanha decorreu

FIG. 2 – Logotipo da Fábrica de Garrafas da Martingança, Arquivo Distrital de Leiria, Fundo da Fábrica de Garrafas da Martingança.



entre 1945 e 1946. Nos primeiros anos de laboração o número de operários ultrapassou os 300.

O excessivo desgaste do forno e a acumulação de *stocks* obrigavam a uma paragem temporária de alguns meses. Esta paragem entre campanhas, denominada por períodos de *inlabor*, permitia a reparação e reconstrução do forno, o escoamento de *stocks* e a acumulação de matérias-primas, nomeadamente a lenha consumida nos gasogénios. Os operários vidreiros do quadro recebiam subsídios durante o período de *inlabor*, enquanto os jornaleiros teriam de encontrar trabalho noutras firmas (INÁCIO, 2018: 28).

Com o fim da 2.^a Guerra Mundial, em 1945, a procura e produção garrafeira diminuiu acentuadamente. Deste modo, em 1947, antes de iniciar a terceira campanha, três obragens semiautomáticas são substituídas por uma obragem manual para produção de garrafões. No mesmo ano, a ala norte da fábrica (onde se encontravam as oficinas, composição, etc.) foi ampliada para servir de armazém de garrafões. Importa referir que as garrafas eram armazenadas em tulhas existentes no exterior da fábrica (MOLEIRO, 2020).

A quarta campanha decorreu entre 21 de janeiro de 1948 e 12 de agosto do mesmo ano, e a quinta iniciou a 31 de março de 1949 e terminou a 7 de janeiro de 1950 (*PRODUÇÃO POR OBRAGEM...*, 1947-1950).

A fábrica da Martingança, à semelhança das restantes fábricas de vidro, possuía as suas próprias oficinas de olaria, ferraria, moagem, carpintaria e, ainda, pedreiros. Todas as reparações e obras nas fábricas eram realizados pelo próprio pessoal da fábrica, não por pessoal externo. A secção de olaria detinha um forno no exterior da fábrica para cozer os seus próprios produtos (MOLEIRO, 2020).

Relativamente à produção, através de cálculos estimativos, tendo em conta o número de máquinas semiautomáticas e a produção total nas

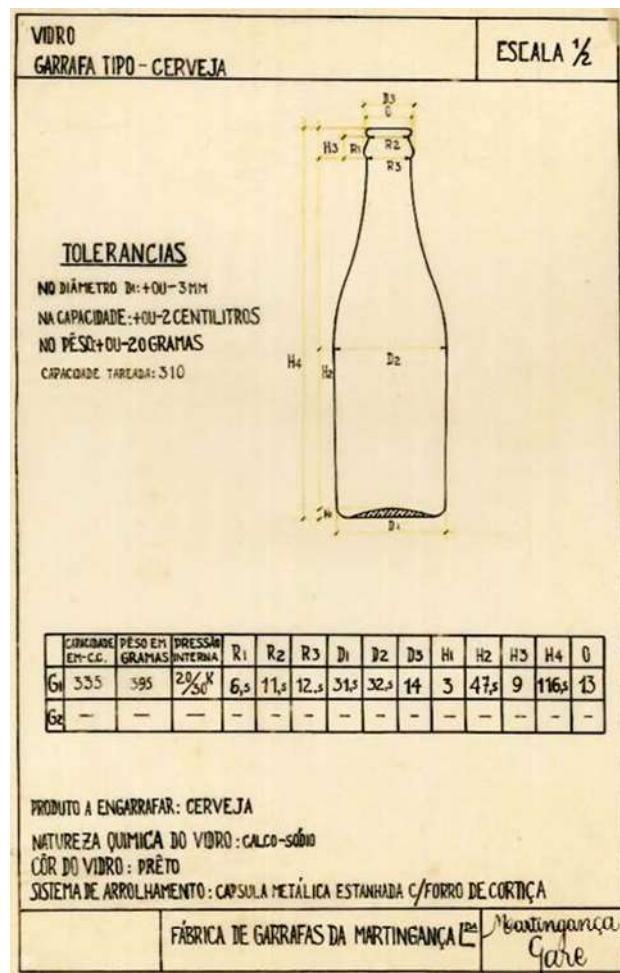
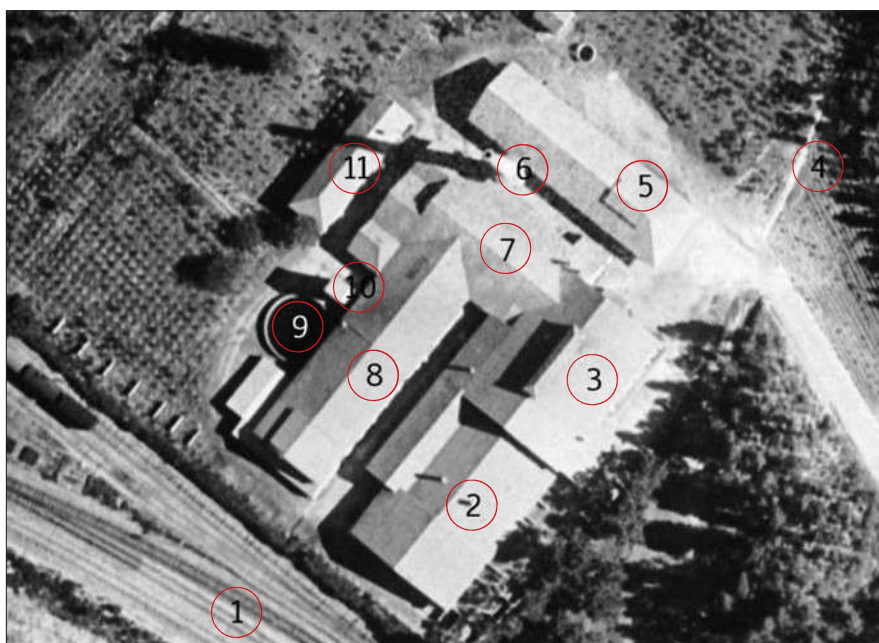


FIG. 3 – Projeto de garrafa, Arquivo Distrital de Leiria, Fundo da Fábrica de Garrafas da Martingança.

campanhas do final da década, é possível afirmar que as duas primeiras campanhas produziram, cada uma, entre quatro a cinco milhões de garrafas. Na 4.^a campanha, sabe-se que fabricou 22 modelos de

FIG. 4 – Vista aérea da fábrica em 1958, Arquivo Direção-Geral do Território.

1. Linha de caminho-de-ferro do oeste;
2. Escolha e arcas à Francesa;
3. Produção (forno, máquinas e arcas à Portuguesa);
4. Caminho-de-ferro mineiro do Lena;
5. Gasogénios;
6. Chaminé;
7. Oficinas (olaria, serralharia, composição, moagem, carpintaria);
8. Armazém de garrafões;
9. Cisterna de água;
10. PT eletricidade;
11. Forno da olaria.



Entretanto, a 18 de maio de 1949, a Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas e a Companhia Portuguesa das Águas Salus, cedem a sua quota a Alípio das Neves Morais Matias (CARVALHO, [1949a]: fl. 94v.-98f.). Desta forma, Alípio Matias passou a deter 75 % do capital social da Fábrica de Garrafas da Martingança, mantendo-se os restantes 25 % com a Sociedade Produtora de Vidraça Prensada, gerida pelo seu irmão, Acácio das Neves Morais Matias (AZAMBUJA, 2008: 200). No mesmo dia da cedência das quotas, a Fábrica de Garrafas da Martingança celebra uma escritura de hipoteca na qual se comprometia a fornecer cinco milhões de garrafas à Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, referindo que *“se a vendedora não cumprir, por seu lado, a referida convenção e se não entregar nos prazos fixados as estipuladas quantidades mínimas de garrafas, fica obrigada a pagar à compradora a pena convencional de dois mil e quinhentos contos, a valer como indemnização por perdas e danos [...]”* (CARVALHO, [1949b]: fl.41v.).

Entretanto, a 13 de novembro de 1951, Alípio Matias cede à Distribuidora de Garrafas e Garrações as quotas que adquiriu à Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas e à Companhia Portuguesa das Águas

GUIA Nº 20

DISTRIBUIDORA DE GARRAFAS E GARRAFÕES, LDA. — ARMAZÉM DE MARTINGANÇA
 comunica à Distribuidora de Garrafas e Garrafões, Limitada, que nesta data são
 transportados os artigos seguintes

dos ☒ armazéns
☒ clientes

para

os v/ armazéns de
 exportação
 venda pela n/ Secção Comercial

12 12

FISCAL

CHEFE FISC.

GARRAFAS			BRANCAS PRETAS		
Referência	Quantidade		Referência	Quantidade	
1 litro			1 lit. c/ rosca		
0.85 águas			1 lit. espumoso		
0.75 / 0.78			0.50		
0.60 / 0.70			0.60 cerveja		
0.50			0.55		
0.33			0.33		
0.25					
0.125					

Cam. N.º 00-31-04 P. B.

Tara

Data

Enc.º de carga,

Para o Il.º Senhor

Barbosa e Almeida Lda
 Porto

O U E B R A S

Ref.ª

Ref.ª

DATA

O responsável,

O fiscal,

/ / 19

Salus em 1949, mantendo consigo outra quota de 450 contos (RODRIGUES, [1951]: fls. 11v-16v.). Desta forma, a Distribuidora ficou detentora de 50 % do capital social, mantendo a sociedade Produtora de Vidraça Prensada 25 % e Alípio Matias os restantes 25 %.

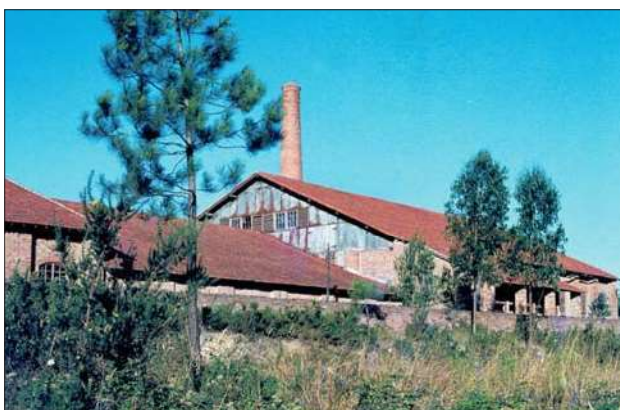
Em 1952, depois de fornecido todo o contingente acordado com a Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, a fábrica entra num período de incerteza. Ao longo de 1953, os operários da fábrica da Martingança são transferidos para outras fábricas vidreiras.

A 6 de Janeiro de 1955, Alípio Morais Matias cede a restante quota de 450 contos à Distribuidora de Garrafas e Garrafões. No mesmo dia, os nove sócios da Sociedade Produtora de Vidraça Prensada cedem as suas quotas à Distribuidora (99,99 %) e a Mário Santos Galo (0,01 %). Como a Produtora de Vidraça Prensada constituía uma sociedade, a Distribuidora não podia, legalmente, adquirir a sua totalidade.

Desta forma, a Distribuidora passou a ser, de forma direta (75 %) e indireta (25 %), a única detentora da Fábrica de Garrafas da Martingança (CARDOSO, [1955a]: fls. 6v. a 19v.). No final desse ano, a 30 de dezembro, é oficialmente dissolvida a sociedade, juntamente com a Vidreira de Pataias de Roldão e filhos, lda (INÁCIO, 2018: 43), ficando a Distribuidora de Garrafas e Garrafões, com todo o passivo e ativo da sociedade e a maquinaria repartida pelos seus associados (CARDOSO, [1955b]: fls. 32f. a 39f.). Até 1969, as suas instalações foram utilizadas como depósito da Distribuidora.

2. DA FÁBRICA DE GARRAFAS À FÁBRICA DE MOLDES

A partir de 1977, o setor dos moldes ganhou algum dinamismo, depois de um período de incerteza provocado pelo 25 de Abril. Assim, a Iberomoldes (constituída em 1975), planeou e constituiu uma nova sociedade vocacionada e especializada no fabrico de estruturas e com-



FIGS. 6 E 7 – Edifício principal em 1977. Aspeto exterior e interior. Arquivo Iberonorma.

ponentes *standard* para moldes. No segundo semestre de 1977, procurou-se o espaço para a instalação da nova empresa. Através de Afonso Cardeira, natural da Moita (Marinha Grande) e empresário ligado ao ramo imobiliário, a opção recaiu sobre as instalações da antiga Fábrica de Garrafas da Martingança (IBEROMOLDES ACE, 2012: 3). Desta forma, a 14 de setembro de 1977, Afonso Cardeira adquiriu à Distribuidora de Garrafas e Garrafões toda a propriedade da antiga fábrica, que incluía os edifícios fabris e logradouros (NEVES, [1977]), dividindo-a em lotes.

FIGS. 8 E 9 – Forno da olaria em 1977. Aspeto exterior e interior. Arquivo Iberonorma.



2.1. A IBERONORMA

Entretanto, a 13 de Janeiro de 1978 foi fundada a Iberonorma - Estruturas e Acessórios para Moldes, com o capital social de seis mil contos, sendo sócios: RAR - Refinaria de Açúcar, 27 %; Iberomoldes, 27 %; João Macedo da Silva, 13 %; Ângelo Machado, 10 %; Henrique Neto, 7 %; Joaquim Menezes, 7 %; João Eusébio, 6,5 %; Silvino Rosa, Augusto Simão e Rui Rodrigues, com o total de 2,5 % (GUERREIRO, [1978a]: fls. 93 a 98). A 24 de Maio de 1978, a Iberonorma adquire a Afonso Cardeira, o lote “A” da antiga fábrica de garrafas, que correspondia ao edifício principal (GUERREIRO, [1978b]). O lote “B”, que correspondia ao edifício das antigas oficinas e armazém, foi adquirido pela Embaltec - Embalagens de Plástico, outra empresa subsidiária da Iberomoldes (EUSÉBIO, 2019). Será graças ao seu sócio gerente, João Eusébio, que assistimos ao que podemos chamar, no âmbito regional, de pioneirismo na adaptação e valorização de um imóvel industrial existente. A Iberonorma conduzirá um processo de adaptação do espaço existente, mantendo a arquitetura interior e exterior.

2.2. A RECUPERAÇÃO DO EDIFÍCIO

A arquitetura do edifício industrial é idêntica aos demais edifícios vidreiros existentes na Marinha Grande na primeira metade do século XX. Uma construção sólida, em tijolo maciço, com grandes janelas rasgadas no edifício principal e janelas de tamanho mais reduzido no restante edifício. A cobertura, em duas águas, é em telha Marselha, suportada por um vigamento de madeira. É interessante verificar que, devido ao longo comprimento dos vãos superiores, existe um vigamento que suporta, na diagonal, a cobertura, repartindo o peso em pequenos pilares. Toda esta arquitetura não só é mantida durante a adaptação da unidade fabril, como é restaurada.

A fachada foi integralmente mantida, tendo apenas sido realizadas algumas pequenas obras de restauro, em consequência da degradação que o edifício sofreu em mais de 20 anos de abandono. O interior, totalmente desmantelado de maquinaria, sofre algumas adaptações sem interferir na arquitetura estrutural do edifício. Será, contudo, no subsolo que encontramos, na íntegra e bem preservado, um conjunto de galerias subterrâneas que correspondem às galerias de visitaço no piso inferior do forno (SOARES, 1957: 50).



Foto: Nuno Alves, 2019.

FIG. 10 – Vigamento em madeira.

Abaixo destas galerias encontramos ainda uma conduta de gás. Seria por uma destas condutas que o gás, produzido nos gasogénios no exterior do edifício principal, chegava ao forno; por outras condutas, igualmente subterrâneas, os fumos eram expelidos para a chaminé. Nos primeiros anos de funcionamento da Iberonorma, as galerias funcionaram como refeitório. Contudo, as infiltrações e a necessidade de reparações obrigaram a transferir o refeitório para o piso superior. Atualmente, as galerias encontram-se em relativo bom estado de conservação, sendo o acesso feito por um alçapão localizado no piso da fábrica. No exterior, importa referir a preservação e valorização da cisterna onde era armazenada a água proveniente dos beirais dos telhados dos edifícios fabris, que era conduzida por condutas e calhas até à cisterna.

Foto: Nuno Alves, 2019.



Foto: Tiago Inácio, 2019.

FIGS. 11 E 12 – Galerias subterrâneas (em cima) e conduta dos gasogénios (à direita).

2.3. AS OBRAS DA VIRAGEM DO MILÉNIO

A necessidade de ampliar as instalações obrigou a Iberonorma a ocupar o espaço da Embaltec entre 2002-2003. O projeto ficou a cargo da empresa Bissetriz - Projecto e Arquitectura, que adaptou as instalações das antigas oficinas. A necessidade de elevar em altura o edifício (mais baixo do que o edifício principal – ponte) conduziu à substituição do telhado tradicional por vigamento e telha em metal, utilizando igualmente o metal na ampliação em altura. Na ampliação, optou-se pela manutenção da parede inferior em tijolo e a superior em metal, criando, curiosamente, uma combinação harmoniosa entre o antigo e o moderno, a cerâmica e o metal.

A chaminé é outra construção que sofre uma importante intervenção. Como veremos, a chaminé, símbolo característico da industrialização com forte impacto na paisagem e considerado como um símbolo da indústria (MENDES, 2013: 129), acabaria por ser salva da demolição graças à rápida intervenção de João Eusébio. No período de abandono do edifício (1955-1977), um raio atingiu a estrutura, danificando-a consideravelmente. As intervenções iniciais na fábrica, no final dos anos 1970, não incluíram qualquer reparação na chaminé. Contudo, depois de alguns testes realizados, verificou-se, no final da década de 1990, que esta oscilava em cerca de meio metro, constituindo risco de derrocada. Deliberou-se, assim, a demolição da chaminé. Contudo, quando esta já se encontrava a decorrer e cerca de 50 % da chaminé fora desmantelada,

verificou-se que a restante estrutura já não constituía perigo, ocorrendo a suspensão dos trabalhos, por intervenção de João Eusébio, preservando o segmento inferior da chaminé. João Eusébio recorda atualmente, com alguma nostalgia, que preferia ter realizado obras de reparação ao invés de demolir (EUSÉBIO, 2020). Importa ainda referir que o anel que verificamos a meio da chaminé corresponde a um depósito de água que servia a antiga fábrica de garrafas.

O telheiro dos gasogénios, muito degradado e que dificultava a circulação dos edifícios, foi demolido, juntamente com o forno da olaria.



FIG. 13 – Telheiro dos gasogénios, Arquivo Iberonorma, 2000.

3. CONCLUSÃO

A Iberonorma constitui um caso de estudo no âmbito da preservação, valorização e adaptação de um edifício industrial. Ao se adaptar, preservar e restaurar o edifício, estamos a contribuir para o reforço da identidade e da memória coletiva da população local. As sóbrias instalações, em tijolo e telha, com a sua tradicional arquitetura, a chaminé, as condutas e galerias subterrâneas, a cisterna da água e até os muros que circundam os edifícios fabris, constituem um caso excecional no âmbito da preservação de Património Industrial em Portugal. Estes valores, no âmbito da preservação e valorização, fazem parte da identidade da própria empresa, que tenta, ano após ano, salvaguardar o património e, consequentemente, preservar a história e a memória. No âmbito local, a mesma sorte não tiveram outros edifícios industriais de relevo, como a Empresa Vidreira de Pataias e a Vidreira de Pataias de Roldão & Filhos, ambas demolidas no final da década de 1990, que constituíam, no âmbito do património industrial da atual União de Freguesias de Pataias e Martingança, uma enorme marca social e paisagística. 

FIG. 14 – Demolição da chaminé,
Arquivo Iberonorma, 2000.



FIG. 15 – Iberonorma atualmente.



Foto: Nuno Alves, 2020.

BIBLIOGRAFIA

- AZAMBUJA, João Rosa (2008) – *Cidade da Marinha Grande: subsídios para a sua História*. 2.ª ed. Marinha Grande: Câmara Municipal.
- CONFRARIA, João (1992) – *Condicionamento Industrial: uma análise económica*. Lisboa: Direcção-Geral da Indústria.
- HENRIQUES, Branca Maria Braga de Macedo Castro (1992) – “Para a História da Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas (1873-1973)”. In *Estudos de Homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 549-576.
- IBEROMOLDES ACE (2012) – *Newsletter*. Janeiro 2012. Marinha Grande: Iberomoldes ACE.
- INÁCIO, Tiago Filipe Duarte (2018) – *As Indústrias Vidreiras em Pataias*. Pataias à Letra.
- MARQUES, Emília Margarida (2009) – *Os Operários e as Suas Máquinas: usos sociais da técnica no trabalho vidreiro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MENDES, José Amado (2013) – *Estudos do Património. Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- NUNES, Hermínio de Freitas (2006) – *Antecedentes Sociais do 18 de Janeiro de 1934 na Marinha Grande*. Marinha Grande: edição de autor.
- SILVA, Filipe Guimarães (2012) – *A Nacionalização que se Deseja. Notas para uma breve História da indústria cervejeira nacional: do Estado Novo às nacionalizações revolucionárias*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Disponível em <https://bit.ly/3hJUKOb> (consultado em 2020-04-14).
- SOARES, Luís de Sousa Faião Pádua (1957) – *II Congresso da Indústria Portuguesa: a indústria do Vidro*. Lisboa: Tip. Casa Portuguesa.

NOTARIADO

- CARDOSO, Adolfo Laborinho [1944] – *Livro de Notas para actos e contractos entre vivos n.º 89* [Manuscrito]. Acessível no Arquivo Distrital de Leiria (ADL), Fundo do Cartório Notarial da Marinha Grande, lv. 89.
- CARDOSO, Adolfo Laborinho [1955a] – *Documentos do Livro de Notas para actos e contractos entre vivos n.º 172* [Manuscrito]. Acessível no ADL, Fundo do Cartório Notarial da Marinha Grande, lv. documentos 172.
- CARDOSO, Adolfo Laborinho [1955b] – *Livro de Notas para actos e contractos entre vivos n.º 178* [Manuscrito]. Acessível no ADL, Fundo do Cartório Notarial da Marinha Grande, lv. 178.
- CARVALHO, Fernando Tavares [1944] – *Livro de Notas 106B* [Manuscrito]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Lisboa, Fundo do 9.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 106B.
- CARVALHO, Fernando Tavares [1949a] – *Livro de Notas n.º 132B* [Manuscrito]. Acessível no ANTT, Fundo do 9.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 132B.
- CARVALHO, Fernando Tavares [1949b] – *Livro de Notas n.º 361C* [Manuscrito]. Acessível no ANTT, Fundo do 9.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 361C.
- GALVÃO, José Noronha [1923] – *Livro de Notas 10B* [Manuscrito]. Acessível no ANTT, Fundo do 14.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 10B.
- GALVÃO, José Noronha [1924] – *Livro de Notas 54B* [Manuscrito]. Acessível no ANTT, Fundo do 14.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 54B.
- GUERREIRO, João Caetano Nunes [1978a] – *Livro de Escrituras Diversas 72-D* [Manuscrito]. Acessível no arquivo do 2.º Cartório Notarial de Leiria, lv. 72-D.
- GUERREIRO, João Caetano Nunes [1978b] – *Escritura de compra e venda* [Datilografado]. 5 p. Acessível no arquivo da Iberomoldes-ACE.
- JÚNIOR, João Rodrigues [1923] – *Documentos do livro de notas* [Manuscrito]. Certidão da ata da Companhia de Cervejas Estrela de 10 de janeiro de 1923. Acessível no ANTT, Fundo do 14.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 32.

- LINO, Artur da Silva [1949] – *Escritura de Constituição da sociedade por quotas denominada Distribuidora de Garrafas e Garrações, Limitada* [Datilografado]. Acessível no Arquivo da Santos Barosa - Vidrala, Marinha Grande.
- NEVES, Ramiro Ferreira [1977] – *Livro de actos e contratos entre vivos n.º A78* [Manuscrito]. Acessível no arquivo do Cartório Notarial da Batalha.
- PINTO, João Palha [1920] – *Livro de Notas para actos e contractos entre vivos n.º 22* [Manuscrito]. Acessível no ADL, Fundo do Cartório Notarial de Alcobaça, 15.º Ofício, lv. 22.
- RODRIGUES, Mário [1951] – *Livro de Notas 183B* [Manuscrito]. Acessível no ANTT, Fundo do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, lv. 183B.
- VIANNA, Manuel Facco [1924] – *Documentos do livro de notas n.º 40* [Manuscrito]. Certidão da ata da Companhia de Cervejas Estrela de 20 de julho de 1924. Acessível no ANTT, Fundo do 14.º Cartório Notarial de Lisboa, cx. 50.

IMPRENSA

- BOLETIM da Direcção-Geral da Indústria* (1937-1948).
- DIÁRIO DO GOVERNO* (1931) – I Serie. 38 (14 fev.).
- SANTOS, A. Ribeiro dos (1922) – “Fábrica de Cerveja Estrela”. *A Região*. 6 (1 abril).
- SILVA, Augusto Vieira da (1925) – “Edital”. *A Voz do Povo*. 84 (31 maio).

DOCUMENTOS DE PRODUÇÃO E CONTABILIDADE

- DIÁRIO RAZÃO da Fábrica de Garrafas da Martingança* [1925-1945] – [Manuscrito] 100 fls. Acessível no ADL, Fundo da Fábrica de Garrafas da Martingança, secção Empresa Vidreira de Pataias, série Pessoal, produção e contabilidade, cx. 3.
- MARTINGANÇA, Fábrica de Garrafas da (1930) – [Faturas] jun. a nov. 1930 [para] *Empresa Vidreira de Pataias* [Manuscrito]. 3f. Acessível no ADL, Fundo da Fábrica de Garrafas da Martingança, secção Empresa Vidreira de Pataias, série Pessoal, produção e contabilidade, cx. 1.
- PRODUÇÃO POR OBRAGEM e Tipo de Obra* [1947-1950] – [Manuscrito] 76 fls. Acessível no ADL, Fundo da Fábrica de Garrafas da Martingança, secção Atividade fabril, cx. 2.

ENTREVISTAS

- EUSÉBIO, João (2019) – *Entrevista*. Inácio Tiago, Pataias.
- MOLEIRO, António (2020) – *Entrevista*. Inácio Tiago, Pataias.

OUTROS

- BASES DO ACORDO Preliminar* [1949] – [Datilografado] 10 fls. Acessível no Arquivo da Santos Barosa - Vidrala, Marinha Grande.

PUBLICIDADE



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública Sem Fins Lucrativos
Organização Não-Governamental de Ambiente

[travessa luís teotónio pereira, cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[http://www.caa.org.pt]

[http://www.facebook.com]

1972 - 2020

48 anos

de intervenção social

peça já a sua
ficha de inscrição